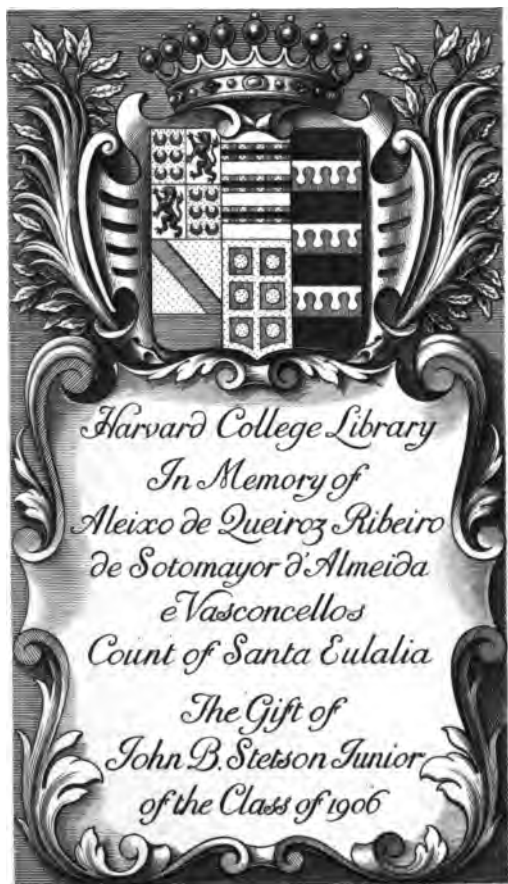


[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)



[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)

[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)

over

912

www.libtool.com.cn

[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)

*Penn  
Cen-10*

# C A R T A

[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)

DE

HELOIZA A ABEILLARD;

TRADUZIDA DO FRANCEZ,

DE MR. MERCIER,

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

---

L I S B O A:

---

NA TYPOGRAFIA LACERDINA. 1820.

---

*Com licença da Comissão de Censura.*



## C A R T A.

**N**ESTA morada, que os desertos cingem,  
Onde a fé nos descobre um Mundo novo,  
Neste asilo de paz, onde entranhado  
O 'spirito em si mesmo reconhece  
O nada, o sonho da existencia nossa,  
; Que fogo vencedor da graça, e tempo,  
A' bórda do sepulchro em mim revive?  
Tu julgava-lo extinto!.... Elle renasce:  
; Tens, amante infeliz, tormentos novos!  
Que! fui eu que trahi tão santos votos?  
Ha sentimentos pois, que se não vencem?  
Mão, suspende-te.... é tempo, é tempo ainda,  
Olha, Supremo Deos, os meus combates!  
Heloiza te implora!.... Ah! Longe d'ella  
Nome tão caro.... e se o tivesse escrito,  
Podião minhas lagrimas ao menos  
Apagar, destruir tão caro nome!

Que fiz? Que leio?... por instincto a pluma  
 Escrevêo, Abaillard, que eu te amo ainda.  
 Tu te indignas? Tu tremes? Tu receias,  
 Que o culpavel ardor, que me devora  
 Não arme contra mim vingança eterna?  
 Não sei se acaso um Deos perdôa, ou pune  
 Um só momento de fraqueza humana:  
 Mas dos sentidos meus é tal a guerra,  
 Que para suspender as letras minhas  
 Com medonho fragor em vão troára!  
 Amor, que me perdoa, é quem me guia;  
 E' quem na minha mão conduz a penna.  
 D'alta Religião sagrado asilo,  
 Habitação temivel, respeitada,  
 Onde innocentes corações se punem  
 Como os culpados corações farião,  
 Aondê entre mil ais, e mil desgostos  
 Corrê com passos languidos o tempo;  
 Sagrado Templo, em cujo seio augusto  
 Tantas vezes velêi junto aos altares  
 Entre as sombras tristissimas da noite,  
 Prostrada em terra, de pavor tremendo,  
 De nossos Santos abraçada ás plantas,

Vós sabeis que dos Céos temendo as iras  
Vertia amargo, solitário pranto!

Mas meus gritos queixosos, meus suspiros  
As minhas orações, o tenebroso  
Horror da vista das funéreas campas,  
Esses altares, as imagens suas,  
Nada o meu coração soube mudar-me!

Com que traços de fogo representas:  
Em tempo mais feliz a terna amante,  
Expirando de amor entre os transportes,  
E logo conduzida, oppressa, errante  
Nestes lugares funebres, medonhos,  
Sepulchros de prazer, sepulchros, onde  
Vem fechar-se na morte os bellos dias:  
Aqui se perde amor, se acaba a gloria,  
Suas victorias pranteando em luto,  
Os ternos corações aqui se imolão.  
Faze ao menos fallar teus sentimentos,  
Solta os desejos, que teu peito abafa,  
Responderá meus ais aos teus suspiros:  
Esta arte de escrever foi pio invento  
De algum, bem como nós, misero amante.

Sobre o mudo papel passa , respira ,  
 Comunica-se o 'spirito , recebe  
 Doces consolações a ausencia dura ;  
 Os tyrannos crueis não se receião ;  
 O embaraço , os enojos , os temores ,  
 E os mais ternos , mais doces sentimentos  
 Sem vergonha , Abeillard , assim se expressão :  
 Os naturaes , sinceros pensamentos  
 O artificio detestão , desaprovão.  
 Esta linguagem tacita , de que usão  
 Dois ternos corações entre cadêas ,  
 Vôa de pólo a pólo , e vai benigna  
 Dar á saudade salutar conforto.

Com vivas expressões tu n'outro tempo  
 Me gabavas o amor ; eu cri sem custo ,  
 E o amor figurei como o pintavas.  
 De tua voz ao soberano accento  
 Fugirão , dissiparão-se os remórsos :  
 Tu reinavas em mim sem resistencia ,  
 O teu desejo as minhas leis fazia !  
 Ouvir em tua voz o Céu julgava ,  
 Sempre o mais eloquente , e o mais temivel.

Pareceste, Abeillard, ante meus olhos

O mais amavel do Universo inteiro!

Que digo!..... até julguei achar no amante

Algum d'esses espiritos celestes,

Confidente de um Deos, e seus ministros;

Era o sorriso teu bem como o d'elles.

Em teus olhos brilhantes scintillava

O fogo, a luz do Céu. Já eu sem susto

Sobre um caminho, que juncavão flores,

Não sentia o terror, nem me importava

O Empireo, a Gloria, que por ti perdia:

Quizeste, que Hymeneu co' os laços puros

Nossa mutua paixão santificasse.

„Guarda-te, ( respondi aos teus esforços, )

„Guarda-te de offender minha ternura!

„Quando nos une Amor ; que leis nos faltão?

„Ha mais seguros nós, laços mais firmes?

„Amor, filho dos Ceos, não quer escravos,

„Aborrece as prisões, e ao ver cadêas

„Bate as azas ligeiro, e vóa, e foge.

„Nós acaso tambem precisaremos

„Vãos juramentos, que o temor exige,

„E a lei arranca aos corações vulgares?

» Uma chamma tão bella, e tão suave  
 » Não tenha mais penhor, que o proprio encanto.  
 » Tão puro sentimento acaso cumpre  
 » Convertel-lo em dever? Armar o braço  
 » Contra um crime futuro é já prevel-lo.»  
 Se o Rei me ornasse co' o Diadema augusto,  
 Do Supremo Poder o brilhantismo  
 Sem soberba aktivez renunciára.  
 Os pomposos, vãos titulos sem custo  
 Affouta desprezára, e me verião  
 Um nome preferir mais glorioso;  
 Nome agradavel ao meu caro amante,  
 Nome para a ternura expresso, e proprio;  
 Um simples nome, encantador, tocante,  
 = Sua querida = Oh Título suave!  
 Título, que minha alma enches de gloria!  
 Só tu me dás orgulho: Throno, Sceptro,  
 Grandeza, que sois vós a trôco d'isto?  
 Embora os indiff'rentes me condemnem,  
 E aos pensamentos meus loucuras chamem;  
 Aos corações de gêlo, ás almas duras  
 Amor só póde parecer fraqueza.  
 Felizes vezes mil dois extremosos

Amantes, que entre si unidos sempre,  
 De sua alta ventura ambos tocados  
 Se affastão do tumulto, e que desprêzão  
 O artificio, a impostura, os prejuizos;  
 Prazer, Amor, e Natureza adorão.  
 D'esta chamma ditosa embriagados,  
 Os gostos mutuamente ambos desfrutão,  
 E o Mundo enganador morre para elles.  
 Tal foi nosso destino: elle não erra;  
 Mais do que um sonho vão, desfez-se, acórdo,  
 Eis-nos aqui n'um tormentoso abysmo  
 Pelo Destino para sempre immersos.  
 Longe dia fatal..... que horrivel quadro!  
 E' meu Esposo o que eu descubro!... o ferro....  
 Os verdugos crueis.... lá cabe... lá luta  
 Debaixo d'impia mão dos homicidas!.....  
 Barbaros, contra mim voltaí as furias,  
 Os perfidos punhaes rasguem meu seio!....  
 ; Nestes momentos de terror, de espanto,  
 Que fazia Heloiza? O pranto d'ella,  
 A desesperação, e os tristes gritos,  
 Que podião fazer? Que Deos podia  
 Os Monstros suspender na acção maldita?

Triste Abeillard!..... ultraje abominavel!...  
 Falta-me a voz, e minha face ardente  
 Cheia da rubra cor, que o pejo causa,  
 Mostra do crime o horror calando o crime.  
 Seguiu-se bem depressa o dia acerbo,  
 Em que gemendo, e palida aos altares  
 Fui trazida qual victima sujeita.  
 Eu disse o eterno Adeos ao Mundo inteiro.  
 Morrendo me lancei de um Deos nos braços:  
 Vãos esforços! Inutil esperanza  
 De uma Amante insensata! Em minha ideia  
 Só tu, caro Abeillard, só tu reinavas.  
 Templo, facho, altar, e seus ministros  
 Ah! tudo para mim fugido havia;  
 E meus votos, se os fiz, por ti só foram.  
 Tu me davas o véo, levei-o a custo  
 Com fracas mãos a meus trementes labios;  
 Tudo sacrificava, esperanças, vida,  
 Tua chamma, Abeillard, e minha chamma.  
 Dos temerarios votos, que me ouvia  
 O Céu se horrorizou, se encheo de assombro;  
 Já nas mãos do Immortal ardia o raio.  
 Mas vendo minhas lagrimas continuas,

Vendo os remortos meus, e os meus combates  
 A meus gritos de dor deixou cahil-lo.  
 Sê sensível ao barbaros tormentos,  
 Que pouco e pouco o 'spirito me gastão,  
 Vem... eu morro de Amor... eu sinto em chammas  
 Arder meu coração, tornar-se em fogo.  
 Dá-me ainda a beber a longos tragos  
 Esse p'rigoso, encantador veneno,  
 Que em teus olhos gentis bebia outr'ora.  
 Repousa inda uma vez sobre meu seio,  
 Dá-me ainda uma vez gozar de perto  
 Teu sorriso engraçado, e lindo rosto.  
 Essas vistas de Amor... Ah! vem, não tardes;  
 Se acaso o coração me não engana,  
 O mimoso prazer não tem perdido  
 De todo para nós as flores suas.  
 Esses ditosos, divinaes momentos  
 Inda podemos, Abeillard, sentil-los!  
 De quantas, de que innumeras maneiras  
 O suave prazer não se affigura!  
 Caras delicias.... em teus ternos braços  
 De todas gozarei, sem que me lembre  
 Jámais, que encerre o Mundo outras mais doces.

Mas que digo!... Perdoa-me, desculpa  
 A infausta agitação de meus sentidos,  
 Os vãos desejos, que a razão detesta.  
 De um Nume vingador a idéia augusta  
 Põe no meu coração, que em ti só pensa:  
 Toma a causa do Eterno; o Eterno vence  
 Se a causa sua defender quizeres.  
 Vem: pensa ao menos que o dever te chama:  
 ; Não debes teu cuidado, e tens desvêlos  
 A este puro, e tão fiel rebanho,  
 Que á tua voz abandonando o Mundo,  
 Fugindo ás illusões, que o Mundo enredão,  
 Veio á sombra viver d'estes desertos?  
 Estes desertos lugubres, selvagens,  
 De tuas mãos recebem formosura,  
 E parecem sorrir-se ás obras tuas.  
 Já debaixo de um tecto menos rude  
 Adoramos um Deos, aqui não temos  
 Preciosos vasos de ouro vil, que ajunta  
 Criminoso mortal, duro a si mesmo:  
 Aqui não virão desgraçados orfãos  
 Thesouros de seus Pais lançar riquezas,  
 De sacrilego fasto ornando o templo.

Sob ext'riores simplices se mostra,  
Com seu proprio fulgor, piedade augusta;  
Brilha através de simplices ornatos,  
Tua propria belleza a torna bella.  
Corre, caro Abeillard, as nossas virgens,  
Inquietas sem ti n'estes retiros,  
Vão murchando-se, abatem-se, enfraquecem.  
Apparece, Abeillard; á tua vista  
Os cuidados, que as fronte lhas carregão,  
Dissipados serão n'um só momento.  
As veredas, e a abóbada fechada  
D'este escuro lugar, onde entra apenas  
Escassa luz a combater as sombras,  
Gozaráo de outro sol mais luminoso,  
Os olhos de Abeillard serão seus astros.  
Tudo brilha com elle, a gloria o cêrca.  
Meu amigo, meu Pai, Irmão, Esposo,  
Tu, que os mais doces titulos reunes,  
Dá-me pois essa paz, que promettias.  
Lança piedoso os compassivos olhos  
Sobre a tua infeliz, cara Heloiza.  
Traz-lhe algum repouso; a noute, o dia  
Longos seculos são por seus desgostos.

Nada a pôde tocar, debalde a terra  
Suas graças renova, e se atavia  
Co' o lindo esmalte da Estação das flores.  
Esses lagos profundos, magestosos,  
Que de nossa morada os bosques cingem;  
O Aquilão, que atravéz das selvas gira,  
E essas matas, que a mão da Natureza  
Sem cultura produz, dirige, e fórma,  
Perdêrão para mim suas delicias;  
A desesperação vive a meu lado:  
Sua funebre sombra os campos séca,  
A verdura destróe; Zephíro mesmo.  
Ante ella toma lugubre murmurio.  
Nestes bosques, debaixo d'estes tectos  
De risonha verdura, eu só diviso  
Um terreno infecundo, aberto ás campas.  
E do tempo o signal, que as horas marca,  
Lança um terrivel som, no qual da morte  
A voz sombria trovejando escuto.

Este o sitio com tudo, em que me cumpre  
Para sempre gemer: assim o queres,  
Cruel, e eu não sei mais que obedecer-te.

Mas um dia ha de vir, em que se torne  
 Legitima a união de nossas almas;  
 Nossas cinzas sem crime hão de juntar-se  
 De um tumulto commum no seio amigo.  
 Graças, Deos de bondade! Eia, suspende  
 Teu braço vingador: detesto o crime;  
 Porém do crime o Autor de amar não deixo.  
 Ah! Como hei de vencer paixão tão forte?  
 Nestas tristes prisões cativa, humilde,  
 Quantos combates supportar não devo  
 Antes que cinja da victoria os louros!  
 O' morte.... Não é pois entre feus braços  
 Que existe a paz dos corações afflictos?  
 Feliz mil vezes a innocente virgem,  
 Que a paz consoladora aça no Eterno!  
 Ella vive co' o Deos; que os Mundos enche;  
 E aberto o Céu divisa em castos sonhos,  
 Sem negra tempestade lhe amanhecem  
 Puros seus dias; candidos, serenos,  
 Dos sentidos a turbida procella,  
 De longa duração fatras momentos,  
 Não lhe vem destruir a paz, e o gosto,  
 Em que seu coração respira, e folga:

E' junto a seu dever sua ventura.

[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)

! D'este estado feliz quanto estou longe!  
Inutil fogo sem cessar me inflamma!  
Vive.... reina, triunfa em minha idéia  
A memoria do dia, em que extremosa  
Coroei teu amor, despindo o orgulho.  
P'rigosa imagem, sem cessar presente,  
Como póde jámais ser apagada  
Da terna amante no amoroso seio?

Sonho ás vezes voar sobre teus passos,  
Suspende-te... apertar-te ao terno peito!...  
Muda-se a scena, e vejo-te nas bordas  
De escarpado, de asperrimo penedo,  
Que as ondas com furor estão cercando.  
Junto ao profundo mar na sêca praia  
Eu te vejo por subita borrasca  
Dos ares arrojado ao longo cume!  
Foges-me envôlto em luminosa nuvem,  
Ao lugar onde vás quero arrojar-me,  
Mas caio delirante, e já sem tino!  
Acórdo em tanto.... e misera verdade

Com seu fatal clarão desfaz mil erros !  
 A teu destino próspero, e severo  
 Dá graças , Abeillard ; já não perturbão  
 Desordens sensuaes tua innocencia.  
 A Lei, e a Natureza em ti concordão ;  
 Já obamma perigosa em ti não arde.  
 ; Porque é pois evitar-me ? Inda me temes ?  
 Inda em risco te põe minha presença ?  
 Ninguém póde já agora perturbar-te  
 Tua doce , pacifica innocencia.  
 Como junto dos tumulos o incenso  
 Em seus vasos ardendo exhala aromas ,  
 Que não sabem tocar os frios mortos ,  
 Taes nascidos do peito os meus suspiros  
 Se perdem junto a ti , se tornão fumo.

Eu te adoro .... Ai de mim ! sem doce esp'rança  
 De terna , de amorosa recompensa !  
 E prézo meu amor , bem que tyrauno.  
 Para gemer , e orar precede a aurora ,  
 E o pranto amargo me redobra o fogo.  
 Em vão , cheia de fé , levanto a vista ,  
 Põe-se entre mim , e o Céu a imagem tua.

Encontro-a sempre. Aos pés do Santuário,  
 E no instante, que segue ao grão mysterio,  
 Eu ouço tua voz por entre os hymnos  
 Das piedosas irmãs; enchem-se os ares  
 Co' o vapôr, que os thuribulos derramão;  
 Unem-se aos nossos sons os sons dos orgãos,  
 E minha alma, n'um extase elevada,  
 Figura-se em teu seio estar gozando  
 Os gostos, o prazer, em que se abraza.  
 Vês tu a confusão, vês a desordem  
 De meus rebeldes, pérfidos sentidos?  
 Mas não supponhas, que enganar-me podem;  
 O erro é momentaneo, quando cubro  
 Humilde o coração de pó, e cinza,  
 E ardentes orações aos Céos envio.  
 A graça está já perto; a soccorrer-me  
 Vem, querido..... suspende-me, demora  
 Essa mão, que de ti busca affastar-me:  
 Vem: e co' as vistas, que a ternura anima,  
 Oppõe a seu poder minha fraqueza.  
 Masah!... que te supplico? Ah! foge-me antes!  
 Eu quero aborrecer-te, eu quero, e devo.  
 E' já tempo, que as lagrimas derrame

De um sincero pezar. Eu sinto n'alma  
A esperança, o favor de nossos Santos;  
Sinto o fogo Divino allumiar-me,  
E do Mundo a meus pés calco as ruínas.

Inda esta noite atterrador prodigio  
Ser nada me mostrou do Mundo os sonhos!  
No fundo d'estes vastos subterraneos,  
Que o pavor melancolico rodêa,  
A' baça luz de alampada tristonha  
Entregue ás orações velando estava;  
Solitaria entre os tumulos sombrios,  
O frio horror meu coração gelava!.....  
Eu morria de susto.... Eis que debaixo  
D'estas tristes abobadas escuto  
Uma voz, cujo som vinha das trévas!  
» A paz, a paz, diz ella, está nas campas,  
» E' no fundo dos tumulos, que existe;  
» Lá, minha Irmã, se findaráõ teus males,  
» De um só golpe ferindo, assassinando  
» A esperança, o terror: é lá que a morte  
» A Suprema Sciencia amostra a todos.  
» Outr'ora, como tu, rogava sempre;

» Nos tormentos de amor ardi qual ardês,  
 » Nos tormentos de amor hia morrendo;  
 » Findou da morte a paz minhas angústias.  
 » Aqui, onde eu repouso, os desgraçados  
 » Não vertem nunca mais acerbo pranto!  
 » Mais indulgente um Deos que os homens duros  
 » Não arma contra nós as mãos paternas;  
 » Perdôa aos fracos, a vingança poupa.  
 » Se pelos raios seus é poderoso,  
 » Pela sua Clemencia um Deos é Grande. = »

Sombras piedosas, que abraçar procuro,  
 ; Quando o instante virá de uma tal morte?  
 Eis-me aqui, preparai-me as palmas vossas.  
 Abre, Eterna Sião, as portas d'oiro:  
 Generoso perdão dás á fraqueza;  
 Ha na terra o temor, nos Céos a graça.

Eu sinto com effeito ir-se-me as forças,  
 Já sobre os lábios meus erra minha alma,  
 Confunde-a no teu seio: eu conduzida  
 Em victima por asperos remorsos,  
 Já pálida, e sem luz aos mortos desço.

Eu tremo .... Eu já deliro ... e inda te busco ;  
 Fere-me um Deos, por suas mãos eu morro ...  
 Ah !... Querido Abeillard .... eu te amo ainda !  
 Não existe Heloiza , já por ella  
 Amado não serás ; se amor não póde  
 Reinar n'um coração , que já não vive.  
 Mostrou-me a morte seu terrivel facho ;  
 „ Os humanos são pó , ( eu li nas campas , )  
 Aos olhos do Senhor o Mundo é cinza. „  
 ; E eras simples mortal quando eu te amava ?  
 Sim : tu eras , e eu quero franquear-te  
 Esta passagem lugubre , terrivel.  
 Porém que digo ? Oh Céos ! de vossas obras  
 Poupai no meu Amante a mais perfeita !  
 Aos dias de Abeillard juntai meus dias ,  
 Ornamento mais digno elle é do Mundo !  
 E se é preciso , em fim , que tambem morra ,  
 Baixai , Potencias Immortaes , do Olympo ,  
 Correi , vinde-o cobrir co' as azas vossas.  
 O Celeste espectaculo mostrai-lhe ,  
 Seu suspiro final seja ditoso ;  
 Em triumpho por vós arrebatada  
 Voe sua alma aos Céos d'onde descêra.

Possa um tumulo só guardar-nos ambos,  
 Conservar ~~immortaes~~ os nomes nossos,  
 A nossa desventura, as nossas chammas;  
 A Fama possa em fim, por gloria minha,  
 Quanto adorada fui dizer ao Mundo.  
 Se inda algum dia dois fieis amantes,  
 Cheios do mesmo amor, de igual extremo,  
 Vierem visitar estes lugares,  
 O Tumulo eloquente, onde dormimos,  
 Póderá suspender sua loucura.

Choraráõ sobre nós, sobre si mesmos,  
 E sobre essa fraqueza, em que delirão.  
 Pregando os olhos humidos de pranto  
 Neste triste sepulchro, o inevitavel  
 Escolho notaráõ de seus prazeres.  
 E, aquelle que primeiro ousar as vozes  
 Erguer d'entre o silencio doloroso,  
 Gemendo ha de bradar: = » Eis como a morte,  
 Zombando da paixão que idolatrâmos,  
 De nossos corações o incendio apaga. = »

E tu, nova Vestal, qu' inda em tua alma

Innocente, e serena a paz desfrutas,  
 E inda insensível a coração conservas,  
 Quando beijando o nó, que não conheces,  
 Para o Templo fatal te conduzirem,  
 Não ouças indifferente os nossos males,  
 Com benigna indulgencia escuta-os sempre,  
 Consulta-te a ti mesma, e vê que horrores  
 Trazem consigo os indiscretos votos.  
 E quando em fim no dia assignalado,  
 De rozas coroando-te, vieres  
 Victima infausta, conduzida em pompa,  
 Uma palavra só da boca tua  
 Formará para sempre os teus destinos:  
 Antes que abrases estes véos da morte,  
 Esta lugubre venda, estas cadêas,  
 Treme... lança uma vez com susto as vistas  
 A nossos frios, insensiveis restos.

*HELOIZA.*

[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)

[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)

[www.lbttool.com.cn](http://www.lbttool.com.cn)

[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)

[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)

[www.libtool.com.cn](http://www.libtool.com.cn)

